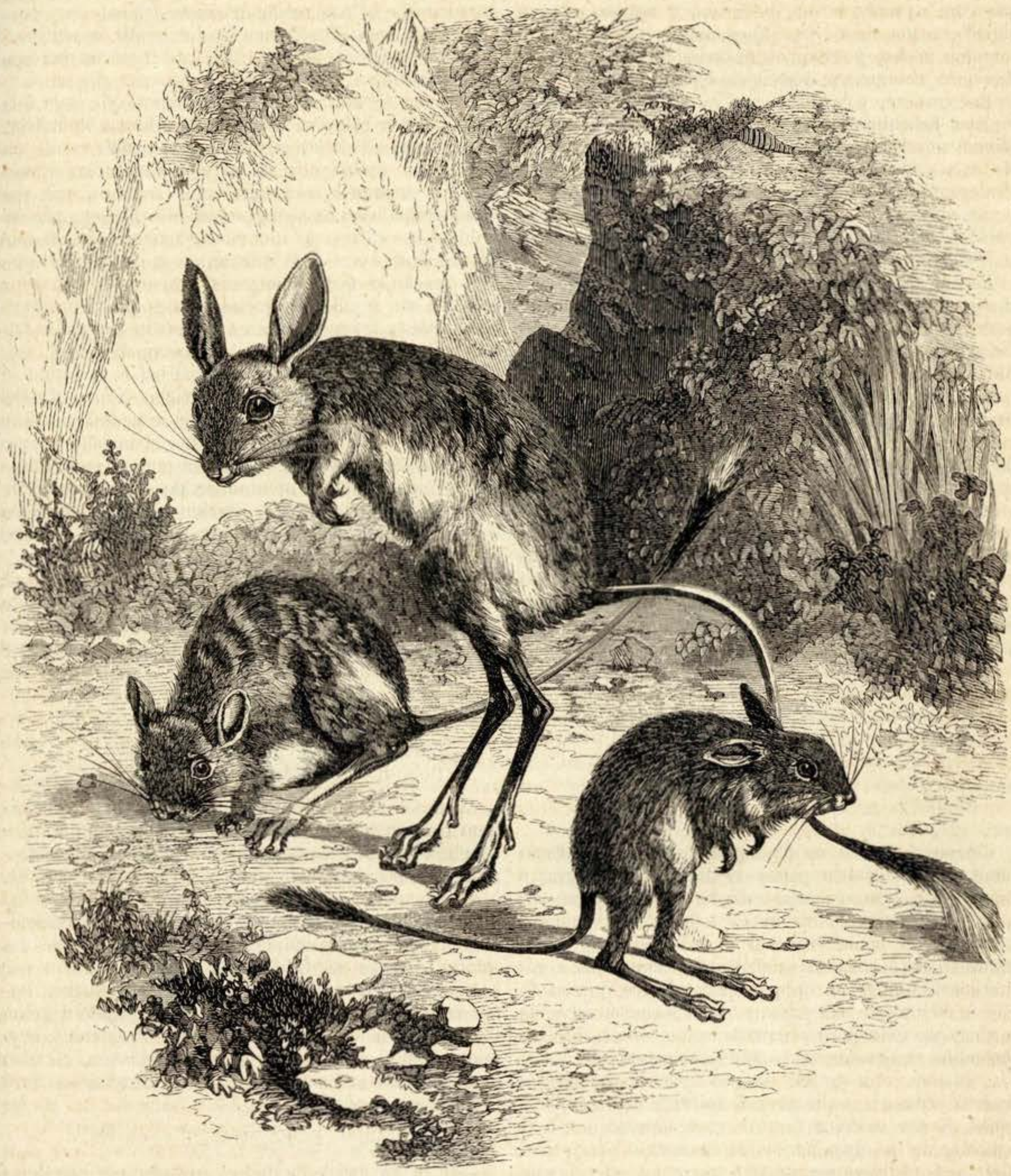


Gerbos

Pertence á classe dos roedores este notavel animal, tão parecido com o rato em muitas partes do seu corpo, que os antigos naturalistas o consideravam como uma especie do genero *mus*.

Os seus dentes são exactamente como os do rato, e assim tambem as suas pequeninas mãos; mas a cabeça, não obstante mostrar até certo ponto a mesma similhança, é larga, achatada na parte anterior, e guarnecida de grandes olhos, grandes orelhas e longas barbas no focinho. As pernas e a cauda são tão excessivamente longas, que dão ao mesmo tempo ao animal uma fórma geral mui exquisita e habitos mui singulares. As pernas são mais compridas que os braços quatro ou cinco vezes. Tem nas mãos cinco dedos, e nas patas tres muito compridos, excedendo o do centro aos lateraes. A cauda termina em um como pennacho, e é loira mesclada de branco. É tambem loira a parte superior do corpo, e quanto mais para o lombo mais carregada em côr, até apparecer denegrida, em razão de terem os pellos a ponta quasi negra. A parte inferior é branca.

O gerbo serve-se das mãos para comer, para escavar na terra, e não para andar, exçepto nos terrenos ingremes, em que se auxilia com ellas. O seu modo regular de andar é aos saltos, firmando-se nas pernas e na cauda. Com esta se equilibra para estar perfeitamente bem em pé por muito tempo, sem se cançar; e n'ella se apoia para formar o salto. É tanta a sua agilidade, que difficilmente o alcançará na carreira um bom cavalleiro, montado em cavallo bom corredor. Nos saltos eleva-se o gerbo commummente a dois metros acima do solo.

Como a sua posição mais natural seja a de estar em pé sobre as patas, ou sentado sobre as pernas, com o corpo mais ou menos direito, mas quasi sempre com as mãos no ar, julgaram os antigos que era bipede, e lhe chamaram *dipus*, nome que a sciencia adoptou para o genero, accrescentando-lhe o de *gerboa* para designar a especie de que tratâmos.

Encontra-se, pois, esta especie em o norte da Africa, na Palestina, ao sueste da Siberia e no Canadá. Vivem nos logares desertos e incultos, sustentando-se de raizes e de sementes e fructos bravos. N'isto, na timidez, que os faz fugir ao menor bulicio, e em procurarem, como escondrijo e logar de repouso, as tocas subterraneas por elles proprios fabricadas, se parecem tambem muito com os ratos.

Fazem as suas tocas cavando um largo buraco com um metro de profundidade, e depois vão continuando, mas em direcção horisontal e por longo espaço. N'estas covas, lá no fundo, fazem o seu ninho, criam os filhos, escondem-se quando os perseguem, e dormem quando precisam de repouso. Dizem que, apenas começam os rigores do inverno, recolhem-se os gerbos aos seus covis, e, deitando-se com a cabeça meio escondida entre as pernas, assim passam, dormindo, toda a estação invernosa, sem tomar alimento algum.

A especie de que temos fallado tem o corpo do tamanho de um coelho pequeno, e a maior especie, denominada *dipus maximus*, é como um coelho de proporções regulares. Ha outra especie, chamada *dipus jaculus*, que é o mesmo que dizer *gerbo* ou *dipo dardo*, em razão de fugir com tão extrema ligeireza como a velocidade de um dardo cortando o espaço.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O BERÇO DE MALDIÇÃO

(Vid. pag. 11)

II

Correu a noticia com a rapidez do raio, e, transpondo as portas dos paços da Ribeira, foi alegrar o povo que a esperava com anciedade. Logo, como por magia, se embandeiraram os topes dos innumeros mastros que transformavam a enseada n'um basto arvoredo. E tal era a variedade das flammulas e galhardetes, que se diria que, por milagre do ceo ou encantamento de nigromante, essa formosa selva de mastreação toda florira a um tempo e se transformára em moita de jardim. Os canhões saudavam com a sua voz austera o despontar da nova estrella no ceo da realeza. O povo, com as suas folias e cantares, festejava a seu modo o fausto acontecimento que o ia consolar da desgraça succedida havia bem pouco tempo. O ceo é que não tomava parte nas alegrias da terra; o vento impellíra as nuvens a formarem um cerrado esquadrão, diante do qual fugíra espavorido o timido raio de sol que se arriscára a espreitar a sua donosa Lisboa.

O firmamento mostrava-se, pois, sombrio e carregado, e desdobrava um véo de lucto, ameaçando descarregar formidavel pancada d'agua sobre os basbaques que andavam pelo meio da rua gritando e dançando em signal de regozijo; porque os grandes acontecimentos publicos, venturosos ou desgraçados, são sempre um pretexto para os basbaques folgarem, que elles, valha a verdade, tanto se divertem no baptisado de um principe, como no enterro de um rei.

Quando mais divertidos andavam os bons populares lisbonenses, saíu por uma porta do paço da Ribeira uma mulher, que pela ligeireza do passo mostrava ser rapariga, mas que só por isso o indicava, porque a desgraciosa capa de lã, que era então moda aqui e em Hespanha, escondia-lhe a elegancia do talhe, se a tinha, e até a formosura do rosto, se Deus lhe concedêra esse predicado. Mas o desembaraço do andar bastava para denuncia da sua juventude, e os escudeiros e os pagens galanteadores tinham faro bastante para descobrirem uma Rosina gentil, ainda mesmo que fosse envolta em habito de frade ou em opa de peregrino.

A nossa formosa passeiante, dêmos que seja formosa, enfiou pela rua Nova em direitura á Madanela, como então se dizia, atravessando, ligeira como um passarinho, os magotes do povo, e dando reverenciosamente passagem a alguma nobre senhora, que, envolta na sua capa de seda, precedida pelos seus pagens e donas, se dirigia ás innumeras lojas de ourives que de um e de outro lado orlavam essa extensa e larga rua, lançando vistas cubiçosas para outros armazens em que se vendiam objectos vindos da India, taes como cócos lavrados, cofres de madre-perola e outras maravilhas, que então inundavam Portugal, excitavam a admiração dos estrangeiros, e, segundo se vê, tambem da nossa gentil patricia. N'uma d'estas lojas estava um escudeiro tangendo desenfadadamente a sua viola. Viu a rapariga parar um instante diante da porta, farejou boa caça, talvez porque suspeitasse que só uma galante menina se poderia namorar de tão formosos artefactos, e, levantando-se e piscando o olho ao dono da loja, foi no encalço do passarinho, que já lhe levava grande dianteira.

Tinha boas pernas o escudeiro. N'um instante se approximou d'ella, e, logo que chegou ao alcance de ser ouvido, começou a entoar a seguinte cantiga, acompanhando-se da viola, que tangia dando ao mesmo tempo grandes passadas:

«A serra he alta, fria e nevosa;
Vi vir serrana gentil, graciosa.
Cheguei-me per'ella com gran cortezia,
Disse-lhe: Senhora, quereis companhia.»

Ao proferir este ultimo verso, já o escudeiro caminhava a par com a dama em cujo seguimento fôra, e concluia a trova mettendo-se á cara para ver naturalmente se a realidade confirmava as suas suspeitas, e se não tomava a nuvem por Juno, e alguma velha dona por uma gentil donzellinha. Mas a sua curiosidade recebeu mais ampla satisfação do que elle desejaria, porque na face risonha que introduziu por entre as pregas da capa assentou a mais sonora bofetada que deram mãos de portugueza desde a velha Brites de Almeida até á recente Isabel Fernandes, cujo nome e fama enchiam n'essa epocha Lisboa. E como explicação da bofetada, uma voz zombeteira concluiu a trova, cantarolando:

«Disse-me: Escudeiro segui vossa via.»

— Juro ao corpo de Deus! exclamou o escudeiro retrahindo a cara vermelha da bofetada. Andam por Lisboa os perros moiros de Arzilla disfarçados com capa de donzellas?

— Zote e moiraz sois vós, mofino escudeiro, que andaes barganteando com moças, sem vos lembrardes da noiva que escolhestes, acudiu a rapariga desembuçando-se da capa.

— Pezar meu! tornou o escudeiro recuando dois passos espantado, vós sois, Ignez mana? E eu que vos julgava a estas horas lavrando [1] nos aposentos da sra. Paula Vicente, dama do estrado da nossa infanta!

— E d'isso te aproveitavas, Gil Affonso, para andares fazendo-te discreto e requebrado com as moças que vão pela rua! Tange viola, tange, escudeiro de má morte,

Que não te fartas de pão
E queres musiquiar,

como lá dizia o pae da minha senhora e ama.

[1] Cosendo.

— Pezar de minha mãe, Ignez Mendes, que logo vos conheci pela graça do andar e pelo donaire dos modos, e, se tal não fosse, não faria o que fiz, noiva minha da minha alma. E depois a ligeireza da mão e o discreto do fallar... Quem se enganaria comvosco, Ignez querida?

— Rascão, burlão! Conhecestes-me vós? Melhor fôra que estivesseis em casa do vosso amo, o sr. D. Pedro de Mascarenhas, preparando-vos para irdes até á India, ou melhor fôra ainda que estivesseis n'alguma das aulas de esgrima que ahi ha por essa cidade, adestrando-vos no jogo das armas. Que se julgaes que tangendo viola afugentaes essa moirisma toda, bem enganado estaes.

— Que dizes, Ignez mana? Melhor sei florear a espada que Amadis de Gaula ou qualquer outro d'esses cavalleiros de quem rezam os livros. E não tiveram elles de certo dama tão formosa como esta minha.

— Vae-te, embusteiro. Já sabes dizer doçuras?

— Culpa é dos teus olhos, que tão doces são. Ai, Ignez, assim me deixarás partir para essas terras de gentios, sem que possa uma vez ao menos ver-te e fallar-te á janella da tua camara?

— T'arrenego! que diria a sra. Paula Vicente?

— Como o saberia ella, minha rosa perfumada? Com uma promessa tua, ficaria mais esforçado que esse Rolando em quem agora tanto se falla.

— E a fama que tens, bargante? tornou Ignez Mendes relanceando para elle uns olhos gaiatos, que promettiam o que a boca não ousava ainda conceder.

— *Mal me quieren en Castilla*, cantarolou o escudeiro. Dás ouvidos a ruins praguentos? E dizes que me tens amor?

— Ainda o duvidas, Gil Affonso?

— Se duvido! Por que não queres tu casar commigo antes de eu ir para a India?

— T'arrenego! Para me succeder como á Ignez Pereira da farça do sr. Gil Vicente, que Deus haja em santa gloria.

— Mau lavor faça Deus a esse Gil Vicente de má morte, que para tudo inventou farças. Alguma inventou elle para que tambem me não falleis á noite? berrou o escudeiro todo assomado.

— Fallae mais baixo, homem, exclamou Ignez Mendes, parece que quereis que vos oiçam em S. Vicente. Ide embora lá esta noite, já que tão importuno sois. E queira Deus que os criados vos apanhem e vos dêem bastante pancadaria com um arrocho sêcco.

E a travêssa rapariga, dando-lhe na cara uma sonora gargalhada, desatou a correr pela rua fóra, enviando ao seu namorado um beijo com os dedos.

— Moreno diabrete! exclamou o escudeiro seguindo-a com amoroso olhar; esta noite m'as pagarás. E viva o sr. Gil Affonso, que é mais feliz que um rei ou que um principe! Se não, vejam; o principe D. João, que Deus lhe tenha a alma em descanço, nem se pôde gozar da sua noiva, apesar d'ella ser filha de imperador, e eu, Gil Affonso, escudeiro do sr. D. Pedro de Mascarenhas, governador que vae ser da India, estou vivo e são, e tenho uma noiva que não é filha de imperador, mas que tem faces mais morenas, olhos mais travessos, labios mais vermelhos do que se o fosse! E viva Deus, que me fez tão saborosa a vida!

E o alegre escudeiro, concluindo o seu monologo, sobraçou a viola e dirigiu-se para casa de seu amo.

Vinha já a cair a noite; repicavam os sinos de todas as egrejas, e o povo atropellava-se na rua cantando e foliando.

Os paços da Ribeira, pouco illuminados, erguiam o seu triste vulto no meio das trevas; o Tejo, beijando os caes, soltava não sei que lugubre gemido.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUEZES NOS SECULOS XV E XVI [1]

CAUSAS QUE OS DETERMINARAM, SUA IMPORTANCIA E CONSEQUENCIAS MAIS NOTAVEIS QUE D'ELLES RESULTARAM

Direi primeiro quaes foram as causas que determinaram os descobrimentos dos portuguezes nos seculos XV e XVI, para depois narrar esses descobrimentos, e por ultimo tratar das consequencias mais notaveis que d'elles resultaram.

Gomes Eannes de Azurara, escrevendo a sua *Chronica de Guiné*, diz que foram cinco as causas que determinaram o sr. infante D. Henrique a emprehender as navegações, e a mandar navios portuguezes aos descobrimentos da costa africana.

Era a primeira causa ignorar-se ao certo quaes paizes e quaes habitantes existiam para além do cabo Bojador, visto que nada de verdadeiro se podéra averiguar da fallada viagem de S. Brandão, no seculo VI; e porque nenhum outro principe trabalhava n'isto, se decidira a fazel-o o sr. D. Henrique, por honra de Deus e del-rei.

A segunda consideração foi toda commercial, attendendo-se aos proveitos que haviam de seguir-se para este reino de se achar n'aquellas terras alguma povoação de christãos, ou alguns portos onde se podesse sem perigo fazer bom mercado.

Importava a terceira razão ao conhecimento, que instava obter, de qual era e até onde chegava o poderio dos moiros, que se dizia muito maior do que commummente se pensava.

Assentava o quarto fundamento no desejo de encontrar algum principe catholico, que por amor de Christo o ajudasse contra os inimigos da fé, na guerra que lhes movêra durante trinta e um annos, sem auxilio de rei nem de senhor de fóra de Portugal.

Assegura, finalmente, ser quinto motivo o grande desejo que havia de dilatar a santa fé e trazer a ella todas as almas que se quizessem salvar, chamando-as ao gremio da egreja e dando-lhes ingresso na religião christã.

Não podêmos deixar de accrescentar a estas cinco algumas outras razões, não indicadas pelo erudito chronista, mas que certamente se apresentaram ao espirito do sabio infante, e que, se não foram as deliberativas, deviam contribuir efficazmente para o decidir em seus tão porfiados como aventurosos commettimentos.

É claro que o illustrado principe havia de ter noticia das navegações dos antigos povos, navegações mais ou menos fabulosas, mais ou menos longinquas, como foram as do carthaginez Hannon, de Sataspes, de Polybio, de Menelaa, de Nechaa, de Eudoxio, e ainda outras cuja descripção tem chegado até aos nossos dias. N'algumas d'estas navegações se dizia haver sido costeado todo o continente de Africa, saindo de Alexandria, passando as columnas de Hercules, dobrando a grande fronteira de Africa, entrando no mar Erythreo e ancorando em Suez. Ao ophir de Salomão, á viagem de Marco Polo ao Cathayo no seculo XIII, devemos juntar as antigas navegações dos portuguezes, que já em tempos do sr. rei D. Affonso IV chegavam ás ilhas Canarias, ou antigas Fortunadas, navegações de que especialmente o estudioso infante devia ter cabal conhecimento, e que muito influiram de certo para animar os primeiros passos em tão arriscada empreza.

1 Este escripto é o resumo da lição oral que o sr. Sori fez no concurso para lente da 5.ª cadeira da eschola naval; e n'elle acharão os leitores compendiados com muita exacção e boa critica todos os nossos descobrimentos, e as glorias e interesses que d'elles provieram, não só para Portugal, mas para a civilisação européa. Foi-nos remettido logo depois do concurso, a pedido de um dos redactores d'este jornal, mas só agora tivemos opportunidade de o publicar. — *N. da R.*

Chegára o infante D. Pedro de Veneza, onde residíra por muito tempo. Era então, no seculo XV, Veneza a nação que distribuia por todos os portos do Mediterraneo os productos da Asia. Tinha Veneza as mais estreitas relações com o Egypto e com a Persia. Os venezianos devassavam aquelles riquissimos emporios, e conheciam como nenhum outro povo a grandeza do Oriente. Eram elles quem melhor podia informar ácerca do tão celebrado reino do Preste João, principe que se dizia pertencer ao gremio do catholicismo, possuir vastos dominios, numerosos subditos e grandes thesouros. Presumimos, portanto, que traria o infante D. Pedro basta colheita de taes noticias, que mais deviam estimular os aventurosos desejos de seu irmão; de seu irmão, que, dotado de esclarecido entendimento, não podia forrar-se ao desgosto de ver que Portugal, tendo repellido os moiros para fóra d'esta terra, jámais conseguiria alargar os seus limites territoriaes, avançando as fronteiras cercadas já por principes catholicos, senhores de poderosos exercitos. O mar, porém, banhando Portugal em toda a sua extensão, vindo beijar as suas praias e morrer debatendo-se contra os seus rochedos, estava como que convidando o nobre infante a buscar n'elle e por elle os dominios que a terra da Europa lhe recusava.

Apropriada era a occasião. A espada do mestre de Aviz ganhára a coroa de D. João I; e se o heroico valor do condestavel alcançára em Aljubarrota firmar o solio do monarcha, a marinha portugueza não ficára ociosa, nem deixára de contribuir efficazmente para a independencia da patria. Foram os navios portuguezes que, indo ao Porto, á sempre leal cidade do Porto, buscar os reforços de que necessitavam os oppressos sitiados em Lisboa, conseguiu, a despeito das balas da armada castelhana, com a qual travou rijo combate, e da sentida morte do valente commandante Ruy Pereira, desembarcar os soccorros tão opportunos, que, obrigando o monarcha hespanhol a levantar o cêrco de Lisboa, o predispoz para as tregoas celebradas em 1411 entre as duas coroas.

Chegára, pois, o momento. De Lisboa saíram logo em 1412 os primeiros navios, mandados pelo talentoso infante com ordem para costear a terra de Africa, e, dobrando o cabo de Nam, passarem ávante.

Mas nem bastavam ainda as cautelas tomadas, nem as relações obtidas, nem as concebidas esperanças. Faltava ainda, antes de proseguir no emprehendimento, assegurar a partida e a chegada tranquilla dos modernos navegantes. Urgia alcançar um ponto que, servindo de base ás futuras operações, fosse o centro d'onde podessem velejar e aonde acolher-se do rigor dos temporaes os navios que saíam a descobrir. Mais ainda instava que esse ponto fosse situado por modo asado a impedir as depredações e a estorvar as piratarias dos corsarios barbarescos, os quaes, desembocando do estreito, cairiam de certo sobre os pacificos mercadores, e, roubando-os e levando-os ao captiveiro, lançariam tal desanimo, que, escarmentados, fugiriam os mais audazes de aventurar-se a tão triste fim, qual era o de escapar á lucta dos ventos e dos mares para ir morrer, carregado de ferros, nos calaboiços dos infieis, ou vergado ao mais rude e violento trabalho, sem que os olhos podessem fitar a cruz de Christo, sem que os labios podessem recitar uma oração á Virgem, sem que os braços podessem estreitar um amigo. Regar com o suor do rosto e as lagrimas do coração a terra dos moiros, morrer morte affrontosa sem escutar as palavras do sacerdote christão, era mais do que morrer. Por isso instava e urgia desde logo evitar previdentemente as consequencias, que viriam tão certas como funestas.

Ceuta, possuida pelos agarenos, satisfazia a todos os intuitos, aguçava todas as cubiças. Ceuta era necessaria ao illustre infante D. Henrique, Ceuta caiu, pois, em poder dos portuguezes no anno de 1415. Se D. Henrique commandava as forças, o rei D. João, como passageiro e combatente, arvorava o balsão da ordem de Christo na muralha mahometana, abrindo brecha a golpes da rija espada por entre a multidão dos islamistas.

Mal reconhecem os moiros a perda que acabam de padecer, quando prestes se ajuntam, pondo em apertado sitio as dezenas de portuguezes que bem defendem a nova perola engastada na coroa dos nossos reis. Vôa alli o heroico principe, como ferida leoa a quem pretendem roubar o filho querido das suas entranhas; e se a novidade do seu apparecimento espalha o terror pelos inimigos, não lhes deixando sentir mais uma vez a tempera da sua adaga, os sitiados, sob o mando do illustre conde de Vianna, irrompem e desbaratam os sitiantes, provando-lhes que até na propria Africa os cavalleiros da Cruz não cedem aos adoradores do crescente um palmo de terra, ainda que para resgatal-o não baste todo o sangue de um heroe, nem toda a vida de um martyr.

Levantado o cêrco, por tres mezes se demora o talentoso infante indagando e perscrutando dos viajantes e dos mais instruidos noticias que ambiciona recolher d'esse vasto continente tão desconhecido e tão differentemente julgado. Volta a Portugal o esforçado principe, e mais instantes e mais repetidas são as viagens e navegações sem fructo. O temor prende os nautas ante o formidavel cabo a que chamam Bojador, pelo muito que *boja* para o mar. As correntes parecem-lhes tão impetuosas e difficeis de vencer, que receiam ser arrebatados e envolvidos por ellas. A effervescencia (rebentação) que observam junto d'elle inspira tal receio, que os mais audazes não se atrevem a porfiar para montal-o.

Nem por isso deixam de continuar as tentativas. Em 1418, Bartholomeu Prestrello, um d'estes navegadores, levado por uma tempestade para o sudoeste, quando espera encontrar a morte nas ondas, eis que descobre terra, para ella se dirige, e a que dá o nome de *Porto Santo*, pelo abrigo e repouso que alli encontra. Vem trazer esta alegre nova ao magnanimo Henrique, e logo no seguinte anno volta á ilha de Porto Santo, acompanhado por dois navios commandados por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, levando os primeiros elementos da futura colonisação. Prestrello regressa a Portugal; Zarco e Tristão Vaz, descortinando ao mesmo rumo no horisonte um ponto escuro e permanente, para elle se dirigem, e abordam á ilha da Madeira.

(Continúa) ANTONIO FILIPPE MARX DE SORI.

A COLONIA PORTUGUEZA DE MOSSAMEDES

I

Tratou-se d'esta nossa colonia nó vol. IV do *Archivo Pittoresco* [1].

O auctor do artigo, que então acompanhou uma vista de Mossamedes, copiada de outra egual inserta na obra intitulada *Seis annos de vida na Africa Occidental*, do sr. Valdez, disse, na conclusão:

«...Cremos que, em poucos annos, Mossamedes, séde de uma florescente colonia européa, apoiada nos ferteis presidios dos sertões do sul, será a cabeça de uma das mais importantes provincias da Africa Occidental, e o emporio de grande e vastissimo commercio.»

Quem olhar para a gravura que se estampou no alludido volume, vir aquelle torrão quasi inhospito, despovoado e esteril, e fizer a comparação com a vista que damos agora, poderá avaliar bem que se realisa-

[1] Vid. pag. 157, 160 e 164 do volume citado.

ram já, em parte quando menos, os patrioticos sentimentos expressados pelo nosso esclarecido collaborador.

É tão notavel a differença, que se não fosse notorio que, para o dizer assim, em phrase popular, *em meia duzia de annos* a villa padeceu extraordinaria transformação, ninguem acreditaria que Mossamedes estivesse já representada n'este semanario. O facto, porém, existe. E ainda bem, pois testimunha que tem havido alli administração energica e ousadamente dedicada ao engrandecimento da colonia, apesar das difficuldades com que luctam os estabelecimentos nascentes, apesar dos embaraços que não raras vezes criam os proprios colonos, e apesar da falta de recursos em que repetidamente os deixa a negligencia ou a indifferença dos governos da metropole. A colonia de Mossamedes tem prosperado, com effeito, nos ultimos annos, a despeito de tudo, como ao diante veremos.

A prosperidade e o engrandecimento das nossas possessões de além-mar dependem, principalmente, das boas administrações que lhes derem, e para isso é necessario que os governos da metropole as considerem pelo que ellas valem ou podem valer, que não as tratem com desamor, que se não esqueçam da sua existencia, e que, em fim, vejam que o futuro das colonias póde estar, por muitas razões, ligado com o futuro da monarchia e com a nossa independencia.

Levar-nos-hiam longe estas considerações, se tivessemos espaço. Não nos sobra aqui, e, portanto, vamos ao que importa.

Está já escripta n'este semanario a historia da colonia, dissemos. Porque Mossamedes é de fundação recente, a sua historia é tambem breve; mas, embora se afigure prolixo, resumil-a-hemos ainda, porque assim damos uma noticia mais completa para os que não possam desde logo consultar o artigo a que nos referimos acima.

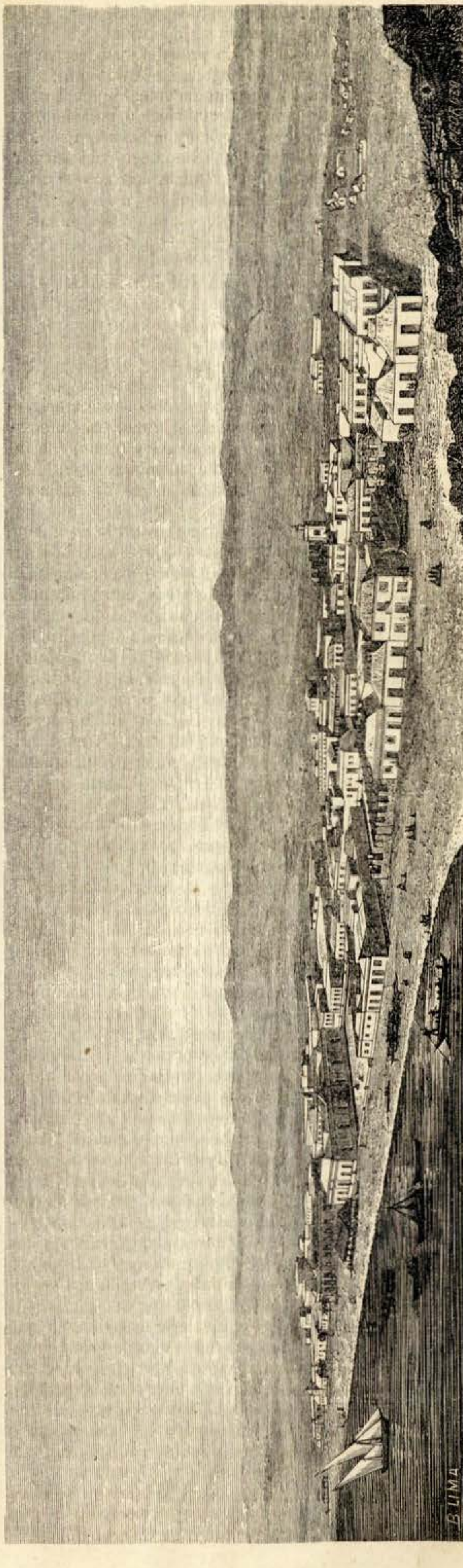
A bahia, no fundo da qual assenta hoje a villa de Mossamedes, era conhecida nas antigas cartas e roteiros pela denominação de *Angra do Negro*. Olha a oeste e demora a 15° 17′ de latitude sul, e 21° 14′ léste de Lisboa, na costa occidental de Africa.

O nome de Mossamedes foi-lhe dado quando, em agosto de 1785, o tenente-coronel Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado alli foi na fragata *Loanda*, em viagem de exploração ordenada pelo então capitão-general de Angola, barão de Mossamedes, illustre ascendente da casa dos condes da Lapa.

Já n'aquella epocha o tenente-coronel Pinheiro Furtado, calculando as grandes vantagens que podiam vir á provincia do estabelecimento de uma colonia na Angra do Negro, por estudos que fizera préviamente, instava pela immediata fundação sequer de um presidio na bahia; mas o capitão-general, apesar da consideração que lhe merecia Furtado, do apreço em que tinha a sua illustração, e do proprio desejo de engrandecer a provincia, não póde realisar tão importante commettimento, porque saiu do governo de Angola, e os seus successores nunca mais se lembraram d'isso, naturalmente por não acreditarem nas vantagens de tornar habitavel a Angra.

Só passados cincoenta e quatro annos, em agosto de 1839, é que o vice-almirante Antonio Manuel de Noronha, governador geral, mandou novamente explorar e demarcar com exactidão a bahia de Mossamedes pelo capitão-tenente Pedro Alexandrino da Cunha, que então commandava a corveta de guerra *Isabel Maria*, e conseguiu fundar alli um presidio em junho de 1840, tendo para esse fim recebido amplas instrucções do nobre marquez de Sá da Bandeira, tão applicado, como todos sabem, á solução dos mais complicados pontos da administração colonial.

Construiu-se para logo um forte de pedra solta na



Vista geral da villa de Mossamedes

ponta Negra, e guarneceram-n'o com algumas peças de artilheria e cincoenta praças de tropa.

Mas antes da fundação do presidio, isto é, em janeiro do referido anno, o negociante Antonio Joaquim Guimarães, de sociedade com Jacome Filippe Torres, de Loanda, já tinham alli estabelecido uma feitoria. Póde, portanto, dizer-se que a estes cidadãos se deve incontestavelmente, pelo seu exemplo e pela sua perseverança, a maior ou menor solicitude com que desde 1840 se olhou para Mossamedes.

(Continúa) B. A.

TITULOS DE NOBREZA EM PORTUGAL

(Vid. pag. 15)

II

INFANÇÕES

São várias as opiniões dos auctores sobre a origem e valia d'este titulo. Pretendem alguns, fundando-se em erroneas etymologias, que se dava o nome de *infanção* ao filho ou descendente de infante. Refuta-se, porém, esta opinião com muitas razões, de que apresentaremos as principaes.

Primeiramente, em o nosso paiz o titulo de infante nunca se deu senão aos filhos de reis. Os filhos dos infantes nunca tiveram denominação particular além do tratamento de senhor posto sempre antes do nome, como se viu no senhor D. Diogo, duque de Vizeu, e no senhor D. Manuel, duque de Beja, depois rei, filhos legitimos do infante D. Fernando, duque de Vizeu, filho del-rei D. Duarte e da infanta D. Brites. O mesmo tratamento tiveram os filhos dos infantes D. Pedro, duque de Coimbra, e D. João, filhos del-rei D. João I. O mesmo succedeu, em tempos mais antigos, com os filhos do infante D. Affonso e da infanta D. Violante, aquelle filho del rei D. Affonso III e da rainha D. Brites, e irmão del-rei D. Diniz.

Uma unica vez se deu em Portugal o titulo de infante a filho de infantes, o que se realisou em 1811, por um decreto do principe regente D. João, em favor de seu neto, o senhor infante D. Sebastião. Tambem nunca desfructaram esse titulo os filhos naturaes de reis, ainda que legitimados; não obstante encontrarem-se alguns d'estes principes tratados como infantes em varios escriptores nossos antigos.

El-rei D. Affonso III, querendo honrar a Ruy Gomes de Briteiros, que era infanção, fel-o rico-homem. Duas coisas se provam com este acto: primeira, que a dignidade de rico-homem era superior á de infanção; segunda, que esta mesma superioridade destroe a opinião de que os infanções eram filhos ou descendentes de infantes, porque se o fossem não teriam ninguem adiante de si, certamente, além dos membros da familia real. E, todavia, não resta a menor dúvida de que em todos os actos publicos eram precedidos pelos ricos-homens. Isto mesmo se demonstra com as cartas dos respectivos privilegios. A respeito das aposentadorias, que era costume dar-se nos mosteiros aos fidalgos, manda el-rei D. Affonso IV que se dêem aos ricos-homens 30 réis, aos infanções 15, e aos cavalleiros 10.

Não faltam auctores nacionaes e castelhanos que dão ainda outras origens ao titulo de infanção. Abstemo-nos de as mencionar, porque não julgâmos que tenham bom fundamento. Em tanta escuridão, pois, limitâmo-nos a dizer que tal titulo parece ter tido principio na corte dos reis de Oviedo, dando-se aos filhos segundos dos fidalgos, primeiro indistinctamente e por mera designação popular, mais tarde por graça do soberano. Dizem que o povo, vendo que se dava o nome de infantes aos filhos segundos dos reis, que não succediam na coroa, começou a chamar infanções aos filhos segundos dos ricos-homens, que tambem não tinham direito á herança do solar do pae e dos vinculos que constituiam a riqueza da sua casa. Esta opinião tambem não é muito acceitavel, porque n'esse tempo os filhos segundos dos reis, como os primogenitos, herdeiros presumptivos da coroa, tinham todos o mesmo titulo de infantes.

Os nossos monarchas concederam os privilegios de infanção aos habitantes de algumas terras do reino. A mais antiga d'estas graças é a que foi feita aos moradores da villa e comarca da Feira, nas visinhanças da cidade do Porto, áquem do Douro, ás quaes tambem chamavam *terras de Santa Maria*.

El-rei D. João I, querendo galardoar os serviços prestados pelos habitantes de Lisboa a prol da independencia do paiz, e com especialidade na heroica defensa da cidade contra os castelhanos, concedeu-lhes os privilegios e preeminencias dos infanções. Ao diante obtiveram a mesma graça os moradores do Porto e Braga. Nos alvarás em que se concediam essas prerogativas usava-se dizer, como formulario, que *os cidadãos de tal cidade seriam egualados aos infanções da terra de Santa Maria*. Deve-se, pois, concluir, á vista d'estas concessões tão geraes, que nos fins do seculo XIV começava a ser tida em muito menos conta a dignidade de infanção.

Não se usava de ceremonia alguma na investidura d'esta dignidade. Tudo se limitava á carta ou alvará de nomeação. Era um titulo simplesmente honorifico.

III

VASSALLOS

Este titulo teve notaveis modificações em Portugal, do que resultou variar tambem na sua significação e valia.

Das *leis das Partidas* de D. Affonso o *Sabio*, rei de Castella, que o nosso rei D. Diniz mandou traduzir e observar, consta o que eram com exactidão os vassallos nos reinados dos nossos primeiros monarchas. Eis, pois, a definição da palavra *vassallo*, que n'aquellas leis se encontra: — *Vassallo é aquelle que recebe honra ou boa obra do senhor, como o grau de cavalleiro, terras ou dinheiro por serviço assignalado que lhe haja de fazer.*

É claro, portanto, que n'esse tempo vassallo era titulo de nobreza concedido em recompensa de serviços.

Constavam os vassallos de tres differentes cathegorias: os *senhores de terras* e os *alcaides-móres*, ou governadores dos castellos e fortalezas do reino, que dependiam do soberano e lhe prestavam preito e homenagem; os *fidalgos acontiados;* e os *populares abastados*, que serviam na guerra.

A primeira cathegoria era composta de ricos-homens, e, por conseguinte, constituiam a principal nobreza da nação. As obrigações inherentes a esta dignidade, que deixâmos referidas, accresciam as que diziam respeito aos governos dos castellos ou a quaesquer outros cargos que lhes eram commettidos.

Compunha-se a segunda cathegoria dos fidalgos acontiados. Dava-se este nome aos nobres que não eram, commummente, donatarios da coroa, e aos quaes o soberano pagava certa *quantia*, pelo que ficavam obrigados, além do seu serviço pessoal na guerra, a levarem comsigo alguns soldados de cavallo, armados de lança, denominados propriamente cavalleiros. A esta cathegoria andava annexo o privilegio da posse de juro e herdade. Os filhos succediam n'ella, ou diremos melhor, começavam a desfructal-a apenas nasciam, vencendo desde então uma certa *quantia*, como seus paes. Chegou esta disposição a tornar-se muito gravosa para o thesouro real, pelo que determinou el-rei D. Fernando que se limitasse esta prerogativa

aos primogenitos. El-rei D. João I coarctou-a de novo, ordenando que os jovens acontiados só começassem a receber quando chegassem á edade de poder servir, e, ainda assim, que havia de ser menor a quantia que a que se dava a seus paes.

A terceira cathegoria, muito inferior ás precedentes, saía do povo e era regulada pela riqueza do individuo. Entravam n'esta classe os subditos dos donatarios da corôa e de outros senhores, a cujo serviço militavam com armas e cavallo, sem que isso os desobrigasse de servirem a el-rei em tempo de guerra. Entre esta especie de vassallos tambem havia alguns *acontiados*, isto é, que recebiam certa *quantia* dos senhores particulares a quem serviam.

Das tres referidas cathegorias era a ultima a de origem mais moderna, como bem póde presumir quem se recordar do desprezo em que eram tidos, e do abatimento moral em que viviam os populares, qualquer que fosse o seu estado de fortuna, no tempo em que o feudalismo estava em todo o seu vigor. Não é conhecida a epocha em que teve principio essa cathegoria, que franqueou ao povo o accesso aos graus de nobreza. Comtudo, póde suppor-se que seria em algum dos reinados dos nossos primeiros monarchas, pois que D. João I, que foi o decimo rei de Portugal, acabou com esta distincção de vassallos de senhores particulares, mandando que só a corôa tivesse vassallos, e ordenando que o seu thesouro pagasse as quantias que os ditos senhores costumavam dar aos que os acompanhavam e serviam na guerra.

Em consequencia d'esta refórma, ao que parece, fez-se alistamento geral d'estes vassallos por comarcas. Pelo menos, é na chronica del-rei D. João I que se acha indicado pela primeira vez similhante uso. Depois foi o tempo introduzindo abusos n'aquella pratica, a ponto de que já mettiam n'aquelle alistamento todos os individuos que serviam armados a el-rei, qualquer que fosse a classe da sociedade a que pertencessem, e quaesquer que fossem as armas com que militassem, e embora as manejassem a pé ou a cavallo.

Assim veiu a confundir-se, até se perder de todo, esta cathegoria de vassallos. As outras tambem pouco a pouco foram caíndo em desuso, depois que se introduziram, ou, melhor diremos, depois que se generalisaram os novos titulos de nobreza. O vocabulo ficou em uso ainda por largos annos, seculos até, mas com mui differente significação da que tivera outr'ora. A palavra *vassallo*, que fôra titulo de nobreza em quanto se conservaram intactas no reino as suas primitivas instituições de liberdade, passou a significar subdito do rei, quando o poder real, pela decadencia d'aquellas instituições, começou a fortalecer-se, firmando-se em novas bases. Foi d'est'arte que todos os portuguezes, deixando-se desapossar dos seus antigos foros de liberdade, se converteram em vassallos do seu soberano. D'esta triste condição, que tão poderosamente influiu na decadencia moral e physica da nação, veiu remil-os, pela primeira vez, a patriotica revolução de 24 de agosto de 1820.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O MARTYRIO

(Conclusão. Vid. pag. 7)

III

Era noite de sexta-feira santa, e os habitantes de Toledo, depois de terem assistido ás trevas na sua magestosa cathedral, acabavam de entregar-se ao somno, ou referiam ao calor da lareira as fabulas parecidas com a do *Christo da Luz*, que, roubado pelos judeus, deixou um rasto de sangue pelo qual se descobriu o crime ou a historia do *Santo Menino da Guarda*, em quem os implacaveis inimigos da nossa fé renovaram a cruel paixão de Jesus.

Reinava na cidade silencio profundo, interrompido apenas ora pelas longinquas vozes dos guardas nocturnos, que n'aquella epocha velavam em torno do alcaçar, ora pelos gemidos do vento, que fazia girar as grimpas das torres ou assobiava pelas tortuosas ruas, quando o dono de um pequeno barco que baloiçava amarrado a um poste junto dos moinhos que se nos representam como encrustados na base dos rochedos que o Tejo banha, e sobre os quaes assenta a cidade, viu aproximar-se da praia, descendo custosamente por um dos mais estreitos caminhos que do alto das muralhas conduzem ao rio, uma pessoa que parecia esperar com impaciencia.

— É ella! murmurou entre dentes o barqueiro; esta noite anda por certo em revolução a endemoninhada raça de judeus!... Em que parte será o conluio com Satanaz, que todos acodem ao meu barco tendo tão perto a ponte?... Não vão decidir coisa boa, não, quando assim evitam o encontro com os homens d'armas de S. Cervantes, que lhes tomariam contas... mas, em fim, como me dão alguns cobres a ganhar, e como não tenho aqui o meu barco senão para isso, lá se avenham...

Fallando assim, o bom do homem apparelhou os remos, e quando Sara, que não era outra a pessoa a quem parecia aguardar até então, saltou para o barco, soltou a amarra que o prendia e começou a vogar em direcção á margem opposta.

— Quantos passaram já esta noite? perguntou Sara ao barqueiro apenas se afastaram dos moinhos, e como referindo-se a alguma coisa de que anteriormente fallassem.

— Nem os pude contar, respondeu o interpellado: um enxame! parece que esta noite é a ultima em que se reunem.

— E sabes de que vão tratar e com que intuito saem da cidade a estas horas?

— Ignoro-o... ouvi que esperam alguem que deve chegar esta noite... não sei para que o esperarão, mas supponho que não é para coisa boa.

— Suppões isso?

— Supponho, sim, menina; e o que ouvi na cidade não lhes é nada favoravel.

Depois d'este breve dialogo, Sara conservou-se alguns instantes silenciosa como tratando de coordenar as idéas.

— Não ha dúvida, pensava para si, meu pae surprehendeu o nosso amor e prepara alguma vingança horrivel. É preciso que eu saiba para onde vão, que fazem e que decidem. Um momento de vacillação podia perdel-o.

Quando Sara se ergueu um instante, e, como para afastar as horriveis dúvidas que a preoccupavam, passava a mão pela fronte que dor intensa cobrira de suor glacial, o baixel chegava á margem opposta.

— Bom homem, exclamou a formosa judia atirando com algumas moedas ao barqueiro, e apontando para um caminho estreito e tortuoso que subia serpenteando pelos rochedos; é aquelle o caminho que seguem?

— É sim, menina; e quando chegam á *Cabeça de Moiro* desapparecem pela esquerda. Depois só o demonio e elles é que sabem para onde se dirigem, respondeu o barqueiro.

Sara afastou-se na direcção que este lhe indicára. Durante alguns minutos via-se apparecer e desapparecer alternativamente por meio do escuro labyrintho de ruas cortadas a pico; depois, quando chegou ao cimo alcunhado de *Cabeça de Moiro*, a sua negra sombra desenhou-se um instante sobre o fundo azul do ceo, e por fim desappareceu de todo na escuridão da noite.

IV

Seguindo o caminho onde hoje se encontra a pittoresca ermida da Virgem do Valle, e como a dois tiros de espingarda do pico a que o vulgo em Toledo chama a *Cabeça de Moiro*, existiam ainda n'aquella epocha os arruinados restos de uma egreja byzantina, anterior á conquista dos arabes.

No adro, formado de algumas pedras disseminadas pelo solo, cresciam sarças e hervas parasitas, entre as quaes jaziam, meio occultas, já o quebrado capitel de uma columna, já um pedestal grosseiramente esculpido com folhas entrelaçadas, gryphos horriveis, ou grotescas e informes figuras humanas. Do templo só se viam as paredes lateraes, e alguns arcos arruinados e cobertos de hera.

Sara, a quem parecia guiar um sobrenatural presentimento, chegando ao ponto que lhe indicára o conductor, vacillou alguns instantes, indecisa, ácerca do caminho que devia seguir; mas, a final, dirigiu-se com passo firme e resoluto para as abandonadas ruinas da egreja byzantina.

O seu instincto, com effeito, não a enganára.

Daniel, que já não sorria; Daniel, que já não era o velho debil e humilde, antes revelava colera profundissima nos redondos e pequenos olhos, parecia animado do espirito da vingança, rodeado de grande numero de hebreus, como elle ávidos de saciarem a sêde de odio em um dos inimigos da sua religião, estava alli, e dir-se-hia que se multiplicava dando ordens a uns, animando no trabalho os outros, dispondo, em fim, com horrivel solicitude os aprestos necessarios para a consummação da espantosa obra que estivera meditando dias e dias em quanto martellava impassivel sobre a bigorna na sua possilga de Toledo.

Sara, que a favor da escuridão conseguira chegar até ao adro, teve que fazer um esforço supremo para não soltar um grito de horror ao penetrar com a vista no interior da egreja.

Á roxeada e debil claridade de um fogacho, que projectava nas paredes do templo as sombras d'aquella assembléa infernal, julgára ver que alguns faziam esforços para erguer uma pesada cruz, em quanto outros entreteciam uma coroa com os ramos das sarças ou afiavam em uma pedra as pontas de enormes cravos de ferro. Idéa espantosa lhe passou então pela mente: lembrou-se que os da sua raça eram frequentemente accusados de mysteriosos crimes; e lembrou-se tambem da aterradora historia do *Menino crucificado*, que ella até então julgára ser grosseira calumnia inventada pelo vulgo para injuriar os judeus.

Mas já não lhe restava dúvida. Alli, ante os seus olhos, estavam aquelles horriveis instrumentos da crucifixão, e os ferozes verdugos só aguardavam a victima.

Sara, cheia de santa indignação, mas dissimulando a generosa ira e animada da fé inquebrantavel em Deus, não pôde conter-se á vista d'aquelle espectaculo, e, rompendo por entre as sarças que a occultavam, apresentou-se de subito á entrada do templo.

Vendo-a assomar, os judeus soltaram um grito de surpresa, e Daniel, dando um passo para a filha com gesto ameaçador, perguntou-lhe com voz rouquenha:

— Que procuras aqui, desgraçada?

— Venho estampar-vos nas frontes, disse Sara com voz firme e determinada, o estigma da obra nefanda que pretendeis consummar; e venho dizer-vos que podeis em vão esperar a victima para o sacrificio, se não estaes já resolvidos a saciar em mim a sêde de sangue, pois o christão a quem esperaes não virá, porque fui eu quem o preveniu dos vossos intentos.

— Sara! exclamou o judeu Daniel rugindo de colera, Sara, isso não é verdade! Tu não podias atraiçoar-nos até ao ponto de revelar as nossas mysteriosas ceremonias; e, se é verdade que as revelaste, não és já minha filha.

— Não o serei... Encontrei outro pae, um pae todo amor para os sêus, um pae a quem vós encravastes em affrontosa cruz, e que morreu n'ella para nos remir, abrindo-nos para sempre as portas do ceo; não, já não sou vossa filha, porque a minha familia é outra de ora ávante...

Ouvindo estas palavras proferidas com a energia que só dá a fé viva, Daniel, em um impeto de furor, avançou para a formosa hebrea, lançou-a no solo, como se o incitasse algum espirito infernal, trouxe-a de rojo pelos cabellos para junto da cruz, que parecia abrir os descarnados braços para receber a victima, e, dirigindo-se aos que o cercavam, disse-lhes:

— Ahi vol-a entrego... fazei vós justiça n'essa mulher, que vendeu a sua religião, o seu decoro e os seus irmãos.

V

No dia seguinte, quando os sinos da cathedral soltavam aos ares alegres sons para commemorarem a alleluia, e os honrados habitantes de Toledo se divertiam em atirar pedradas aos Judas de palha, como ainda hoje se pratica, nem mais nem menos, em algumas povoações da peninsula, Daniel abriu a porta da sua possilga como era costume, e com o eterno sorriso nos labios saudava os que passavam, sem deixar tambem de martellar na bigorna com um pequeno martello de ferro; mas as gelosias da moirisca janella de Sara não tornaram a abrir-se, nem pessoa alguma viu mais a formosa hebrea encostada ao seu alfeizar de azulejos de côres.

. . . .

Contam que annos depois um pastor trouxe ao arcebispo de Toledo uma flor até então nunca vista, na qual se viam figurados todos os attributos do martyrio do Salvador do mundo, flor estranha e mysteriosa, que tinha crescido e enredado as suas hasteas por entre as paredes do derrocado templo byzantino.

Cavando n'aquelle logar e tratando de inquirir a origem de tal maravilha, accrescentam que se encontrou o esqueleto de uma mulher, e enterrada com ella outros tantos attributos divinos, como os que a flor encerrava.

O esqueleto, embora nunca se podesse averiguar de quem era, conservou-se por largos annos com veneração especial na ermida de S. Pedro o Verde, e á flor, que hoje se tornou mui commum, deram o nome de *martyrio*.

A SAUDADE

É a saudade uma mimosa paixão da alma, e por isso tão subtil, que equivocamente se experimenta, deixando-nos indistincta a dor da satisfação. É um mal que se gasta, e um bem que se padece: quando acaba, troca-se em outro maior contentamento, mas não que formalmente se extinga; porque, se sem melhoria fenece a saudade, é certo que o amor e o desejo se acabaram primeiro. Não é assim com a pena, porque quanto é maior a pena, é maior a saudade, e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males, conforme succede aos rios impetuosos conservarem o sabor das suas aguas muito espaço depois de misturar-se com as ondas do mar mais opulento: pelo que diremos que ella é um suave fumo do fogo do amor, e que do proprio modo que a lenha odorifera lança um vapor leve, alvo e cheiroso, assim a saudade modesta e regulada dá indicios de um amor fino, casto e puro. Não necessita de larga ausencia, qualquer desvio lhe basta para que se conheça.

D. Francisco Manuel.